

O tratamento informacional na arquivologia

perspectivas para os processos de organização, representação e acesso aos documentos de arquivo

ID Luciana Davanzo

Doutora em Ciência da Informação pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Docente na Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília, Brasil.

luciana.davanzo@unesp.br

ID Walter moreira

Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília, Brasil.

walter.moreira@unesp.br

Resumo

Objetivo: analisar a Teoria das Três Idades e o *Records Continuum*, de forma a apresentar as particularidades relacionadas ao tratamento arquivístico advindas de cada um dos modelos de gestão. **Metodologia:** a pesquisa apresenta-se como bibliográfica, descritiva e exploratória, com vistas a proporcionar um maior aprofundamento em relação ao objeto de estudo. O corpus documental foi desenvolvido a partir de uma revisão bibliográfica nas bases de dados brasileiras e anais de eventos da área: Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) e Base de Dados do Encontro Nacional de Pesquisa Ciência da Informação (BENANCIB), anais do Congresso Nacional de Arquivologia (CNA) e ISKO Brasil. A escolha dessas fontes fundamentou-se nas suas relevâncias para a área da Ciência da Informação. Os trabalhos componentes da análise foram selecionados pela aplicação das seguintes estratégias de busca: "arquivologia", "records continuum" e "teoria das três idades", "archival science", "records life cycle theory" e "records continuum", nos campos título, resumo, palavras-chave e texto completo, sem limites cronológicos. **Resultados:** a pesquisa demonstrou que a tradição estabelecida por meio do uso do Manual dos Arquivistas Holandeses influencia sobremaneira o uso da Teoria das Três Idades em vez da aplicação do modelo *Records Continuum*, sendo esse mais utilizado nas instituições australianas. **Conclusões:** Evidenciou-se que não existem impedimentos de ordem teórica ou metodológica para que o uso do *Records Continuum* não seja mais disseminado pela comunidade arquivística.

Descritores: arquivologia; *records continuum*; teoria das três Idades.

Recebido em: 01.07.2026 | **Aceito em:** 13.07.2026

1 Introdução

A Arquivologia, área que desde o seu nascimento tem sua prática, princípios e métodos voltados tradicionalmente para os documentos analógicos, ou seja, para o suporte papel, vivencia, nos anos recentes, o desafio de oferecer tratamento informacional adequado para os documentos que nascem no suporte digital ou que migram para este suporte.

Nesse cenário, a Arquivologia é desafiada a se reinventar para oferecer o tratamento adequado aos documentos de arquivo, independentemente do suporte, pois não se trata de mera substituição de mídia, mas de reforçar o conceito de arquivos como espaços fundamentais para a produção e preservação do conhecimento.

Observando-se a base teórico-metodológica da Arquivologia, pode-se desdobrá-la em Arquivologia Clássica, Arquivologia Moderna e Arquivologia Pós-moderna. Cada um desses períodos destaca-se por sua contribuição para o amadurecimento e independência da Arquivologia. Afinal, se inicialmente a área restringia-se a ser “auxiliar” de outras ciências, tais como a História, é precisamente a partir do seu desenvolvimento teórico e metodológico que se torna mais precisa a definição do seu objeto de estudo e o emprego de metodologias específicas para o tratamento dos documentos de arquivo.

A partir dos períodos que caracterizam a Arquivologia, podem ser identificados dois modelos de gestão que se destacam neste trabalho: a Teoria das Três Idades e o *Records Continuum* (RC), os quais foram desenvolvidos em épocas diferentes, mas possuem o mesmo objetivo: tratar os documentos de arquivo, contribuindo com a preservação, o acesso, a história e a integridade dos documentos, sendo essenciais para o saber e o fazer arquivísticos.

Sempre é oportuno recordar que os documentos de arquivo não são produzidos sem uma razão específica. Ao contrário, documentos de arquivo nascem com a função de prova, cumprem alguns aspectos de legislação e são utilizados em função de demandas internas e externas das instituições públicas e privadas.

Todas as instituições, independentemente do seu ramo de atuação e porte, produzem e recebem documentos em virtude de suas atividades, competências e funções, razões que fundamentam a necessidade de uma gestão eficiente de

documentos, visando contribuir com o tratamento oferecido aos documentos de arquivo que pode ser subsidiado ou pela Teoria das Três Idades ou pelo RC. Esse último tem sido compreendido tanto como um modelo conceitual quanto como uma teoria.

Os modelos, vale destacar, não se caracterizam como abordagens que são excludentes entre si ou que se sobrepõem, pois há que se considerar, sempre, o contexto. Assim, cada modelo (ou teoria) colabora com o seu próprio conjunto de aportes teóricos e metodológicos para o tratamento dos documentos de arquivo e para que esses cumpram suas funções sociais.

A Arquivologia ganha status de área independente a partir do ano de 1898, quando é publicado o primeiro manual da área orientado para o fazer arquivístico: o Manual dos Arquivistas Holandeses; uma obra clássica, considerada o marco inicial da Arquivologia moderna, que apresenta regras para as atividades próprias dos arquivistas e inicia um entendimento normatizado para a prática da atividade em arquivos (Fonseca, 2005).

De maneira tradicional, o aporte para o saber e o fazer da Arquivologia está assentado na Teoria das Três Idades, por essa razão, como problemática subjacente a esta pesquisa tem-se o seguinte questionamento: como a gestão de documentos de arquivo pode ser impactada a partir da aplicação do RC?

O objetivo desta pesquisa é analisar a Teoria das Três Idades e o RC, de forma a identificar, comparar e explicitar as particularidades dos diferentes modos de tratamento arquivístico advindos de cada um dos modelos de gestão. Como procedimentos metodológicos, a pesquisa apresenta-se como bibliográfica, descritiva e exploratória, com vistas a proporcionar um maior aprofundamento em relação ao objeto de estudo desta pesquisa.

A pesquisa foi desenvolvida a partir da aplicação de procedimentos de revisão de literatura levantada em bases de dados brasileiras: Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI) e Base de Dados do Encontro Nacional de Pesquisa Ciência da Informação (BENANCIB). Também foram usados anais de eventos, como os do Congresso Nacional de Arquivologia (CNA) e os da ISKO Brasil. A escolha dessas fontes deu-se por sua relevância na área da Ciência da Informação (CI). Aplicou-se como estratégia de busca os seguintes termos em português e inglês: "arquivologia", "teoria das três idades", "archival science", "records life cycle theory" e "records

continuum”. A busca foi realizada nos campos título, resumo e palavras-chave e, seguida, como último filtro, da busca no texto completo, sem restrição quanto ao período de publicação.

O processo de seleção seguiu as etapas de identificação, triagem, elegibilidade e inclusão, em consonância com as estratégias de busca definidas para esta pesquisa. As buscas foram realizadas de forma independente em cada base de dados e anais, sendo posteriormente realizado o cruzamento dos resultados, com a identificação e exclusão de registros duplicados, garantindo maior consistência e confiabilidade ao corpus da pesquisa.

Foram incluídos nesse artigo, trabalhos que abordaram diretamente o modelo RC e Teoria das Três Idades, bem como sua relação com o tratamento informacional em arquivos. Foram excluídos estudos que apenas mencionavam os termos sem desenvolvimento conceitual ou que tratavam de contextos não arquivísticos.

Ao final desse percurso, a consulta às bases de dados e aos anais de eventos resultou na recuperação de vinte¹ artigos, número que se revela relativamente pouco significativo quando considerada a trajetória das fontes consultadas, como BRAPCI, ENANCIB, CNA e ISKO Brasil, cujas produções se estendem por décadas. Esse resultado indica que a articulação entre a Teoria das Três Idades e o RC ainda é pouco explorada na literatura da área. Mais do que uma limitação do levantamento, esse dado evidencia lacunas teóricas relevantes e reforça a necessidade de ampliação e aprofundamento das pesquisas.

2 A Arquivologia e os arquivos: campos para a produção do conhecimento

A Arquivologia é o campo do conhecimento científico que se dedica ao estudo dos arquivos, abrangendo a produção, a organização, a preservação e o acesso aos documentos ao longo do tempo. Nesse cenário, os arquivos são fundamentais como espaços para a produção do conhecimento, algo observável em várias dimensões, tais como: a produção documental, a organização, a preservação e conservação, o acesso e a recuperação da informação, além de atentar-se também à sua função social, ou seja, à contribuição dos arquivos para a organização social do conhecimento, para a memória e a história.

¹ Os artigos recuperados estão descritos no Apêndice A desta pesquisa.

Para suprir as demandas advindas das necessidades do tratamento informacional dos documentos de arquivo, a Arquivologia percorreu um longo caminho que pode ser representado a partir daquilo que foi convencionalmente estratificado e denominado como Arquivologia Clássica, Arquivologia Moderna e Arquivologia Pós-Moderna. Cada um desses períodos acrescenta à Arquivologia características que subsidiam o desenvolvimento teórico e prático da área.

Por meio da análise do desenvolvimento desses períodos é possível analisar a área observando-se a consolidação dos princípios que lhes são fundamentais, os quais possibilitam distinguir a Arquivologia de outras áreas do conhecimento, tais como a proveniência e a organicidade.

É importante ressaltar também que, ao longo do seu desenvolvimento, a Arquivologia definiu seu objeto de estudo: os documentos produzidos e recebidos por uma instituição (pública ou privada) em razão de suas funções, atividades e competências, independentemente do suporte (analógico e/ou digital).

Dessa maneira, e de modo sucinto, serão apresentados os marcos principais de cada período da Arquivologia para auxiliar na compreensão do seu desenvolvimento enquanto campo do conhecimento científico.

2.1 Arquivologia clássica

Como marcos da Arquivologia Clássica, consolidaram-se os manuais que fundamentaram a teoria e a prática arquivísticas. Nesse sentido, destacam-se o *Manual dos Arquivistas Holandeses*, de Muller, Feith e Fruin (1973); o *Manual de Administração de Arquivos*, de Hilary Jenkinson (1922); *Archivistica*, de Eugenio Casanova (1928) e *Archivkunde: ein Beitrag zur Theorie und Geschichte des Europäischen Archivwesens*, de Adolf Brenneke (1953), cujas sínteses estão apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1 - Manuais de arquivologia clássica

Referência	Pontos destacados
Manual dos Arquivistas Holandeses (Muller; Feith; Fruin)	Arquivologia deixa de ser ciência auxiliar; Primeiro tratado científico da área; Cem regras para as rotinas dos arquivos; Formas específicas para o tratamento dos arquivos.

Manual de Administração de Arquivos (Jenkinson)	Autor destinou um capítulo do livro para a temática sobre guerras devido ao cenário da Primeira Guerra Mundial; A avaliação documental não cabia ao arquivista, pois ela deveria ser realizada pelo Estado, já que o arquivista deveria ser um profissional, que guardava as verdades absolutas das administrações.
Archivística (Casanova)	Arquivologia como uma disciplina científica e, não área auxiliar da História e da Diplomática; Arquivologia é uma área independente, autônoma, já que possui o seu objeto de estudo definido.
Archivkunde: ein Beitrag zur Theorie und Geschichte des Europäischen Archivwesens (Brenneke)	Por conta do falecimento do autor, a obra foi publicada por um aluno de Brenneke, oito anos após a sua morte. O autor tinha interesse em discutir os arquivos alemães; A necessidade de centralização dos arquivos, já que tal centralização facilita o acesso às informações. A centralidade contribui, com outra atividade basilar, a Arquivologia - avaliação dos documentos.

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

De maneira geral, como destacam Couture e Rousseau (1998, p. 53), esses manuais “[...] articulam a teoria e as práticas em torno de uma abordagem única e permitem a transmissão do estado dos conhecimentos, bem como o estabelecimento de uma tradição”. Assim, cada manual, a seu modo, colaborou para a consolidação da Arquivologia, construindo não apenas os princípios, mas definindo também a natureza e a função dos arquivos.

Em relação à Arquivologia Clássica, Costa e Roncaglio (2020, p. 4), observam que esse período:

[...] foi marcado principalmente pela disseminação do princípio da proveniência e dos seus desdobramentos, do conceito de documento de arquivo e pela idealização da ideia de organicidade, a partir da publicação e divulgação de manuais que passariam a ser considerados clássicos para a Arquivologia.

O período da Arquivologia Clássica traz para a área sua fundamentação teórica e metodológica, abrindo novas discussões em torno do tratamento adequado aos documentos de arquivo. No entanto, essas discussões não se esgotam no período clássico; ao contrário, são continuadas na Arquivologia Moderna.

2.2 Arquivologia moderna

Os arquivos, enquanto espaços de custódia, são responsáveis pelo armazenamento dos documentos de arquivo. Nessa condição, são detentores, normalmente, de grandes volumes de informação. Esse fato, aliado à ausência de

gestão, contribui para que as instituições enfrentem desafios contínuos, seja em razão da demanda por espaço de armazenamento, seja em decorrência da dificuldade de recuperação dos documentos causada pela ausência de técnicas especializadas.

É oportuno lembrar que os arquivos, em um primeiro momento, são fundamentais para as instituições produtoras e receptoras, pois elas farão o uso primário dos documentos em função de suas próprias atividades administrativas. Posteriormente, os documentos podem assumir valor secundário, isto é, após passarem pelo processo de avaliação documental, são reavaliados em virtude de sua importância para a história e para a memória.

A Arquivologia Moderna é marcada pelo acentuado acúmulo de documentos pelas instituições. Tendo em vista esse cenário, surgem as primeiras reflexões em relação à avaliação dos documentos que constituem os acervos institucionais. Nesse contexto, a Teoria das Três Idades apresenta-se como norteadora da classificação, por meio da qual os documentos de arquivo são avaliados em função de sua frequência de uso. Assim, definem-se as seguintes fases, conforme o fluxo da documentação arquivística: arquivo corrente, arquivo intermediário e arquivo permanente.

O arquivo corrente é responsável pelo armazenamento dos documentos que, dada sua alta frequência de consulta, devem estar próximos de seus produtores, a fim de facilitar-lhes o acesso. Os documentos armazenados no arquivo intermediário são aqueles que não são mais consultados com tanta frequência, mas que ainda podem ser solicitados com alguma imediatez. Por fim, o arquivo permanente responsabiliza-se pela custódia dos documentos que não serão descartados, sendo campos dinâmicos para a construção e disseminação do conhecimento científico, histórico e cultural.

Esse período é marcado também pela fundação do Arquivo Nacional dos Estados Unidos da América, em 1934, uma instituição importante para a área, que teve como colaborador Theodore Schellenberg (2006), arquivista e pesquisador que se destaca por seu trabalho em torno da classificação dos documentos, tecendo reflexões que se tornaram fundamentais para o desenvolvimento da Arquivologia.

Assim como na Arquivologia Clássica, alguns autores se destacam na Arquivologia Moderna. Além de Theodore Schellenberg (2006), podem ser citados: Philip Brooks (1975), Ernst Posner (1972) e Peter Scott (1966), pesquisadores

relevantes por suas contribuições para o desenvolvimento e amadurecimento da Arquivologia. Destacam-se, no Quadro 2, as principais contribuições desses pesquisadores com base em suas respectivas obras principais.

Quadro 2 - Marcos da Arquivologia Moderna

Obras/autores	Contribuição
Arquivos Modernos (Schellenberg)	<i>Archives</i> : documentos destinados a custódia permanente; <i>Records</i> : documentos administrativos (idade corrente e intermediária); Função primária: valor legal e/ou probatório dos documentos; Função secundária: atribuída aos documentos cuja utilização é direcionada para outros fins tais como pesquisa, memória e fonte histórica.
Quais princípios devemos preservar? (Brooks)	Sua contribuição para a área está relacionada aos valores dos documentos de arquivo; Também destaca a importância da avaliação de documentos; Os documentos são divididos por três perspectivas: a instituição de origem, o estudo da história administrativa da entidade produtora e a história em geral.
Arquivos do Mundo Antigo (Posner)	Os arquivos não seriam invenções novas, mas teriam existido em diversas civilizações ao longo da História. Destaca a importância da Teoria das Três Idades para o processo de avaliação documental como forma de contribuir para a diminuição do volume de documentos armazenados nas instituições.
Series System (Scott)	Contrapõe-se à organização dos documentos a partir do princípio de respeito aos fundos devido à dinamicidade das instituições, principalmente no cenário australiano. Apresenta uma nova forma de tratamento para os documentos de arquivos, o <i>Series System</i> (sistema de séries). A organização deve ser realizada a partir do nível de séries. Críticas ao princípio da proveniência. Julgava que era mais sensato o controle de documentos e o contexto de produção.

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

A realidade das instituições arquivísticas era, e ainda é, em muitas situações, marcada pela alta produção e pelo recebimento de documentos e, conseqüentemente, pelo acúmulo destes. Nesse sentido, a avaliação de documentos torna-se claramente necessária para controlar o acúmulo desordenado dos documentos de arquivo.

A avaliação é o “[...] processo de análise de documentos de arquivo, que estabelece os prazos de guarda e a destinação, conforme os valores que lhes são atribuídos” (Arquivo Nacional, 2005, p. 41). Dessa maneira, pode-se compreender que o objetivo da avaliação de documentos é, por meio da definição do valor documental, obter subsídios suficientes para orientar a preservação dos documentos que serão classificados como permanentes, isto é, documentos que interessam para fins de história e de memória.

A necessidade sempre premente de tratar de modo adequado os documentos

de arquivo fez surgir novas perspectivas em relação à organização da informação arquivística. Nesse cenário, entende-se que a Arquivologia pode realizar a aplicação de sua metodologia mediante outras práticas não tão convencionais, quando comparadas com os subsídios oferecidos pela Arquivologia clássica e pela moderna (Scott, 1966).

2.3 Arquivologia Pós-Moderna

A Arquivologia Pós-Moderna traz novos desafios que incentivam a área a revisitar suas bases teóricas e metodológicas em busca de respostas ou alternativas para os questionamentos que surgem em torno do documento digital, impulsionados pela evolução tecnológica. Embora o objeto de estudo da área continue sendo o documento, independentemente do suporte, o documento digital desperta novas preocupações. Destacam-se, nesse cenário, as fragilidades do próprio meio digital, que envolvem desde o acesso à informação e a preservação em sentido amplo até as questões de obsolescência tecnológica.

Nesse sentido, Ramos (2013, p. 34) argumenta que, a partir do período pós-moderno, a Arquivologia sofre uma mudança de paradigma, ou seja, “[...] trata-se de uma perspectiva teórica que propõe uma viragem das preocupações da Arquivologia, da ênfase nos documentos e seu conteúdo para o seu contexto”.

A síntese que Cook (2012, p. 147) apresenta ao final de seu artigo intitulado, justamente, “Arquivologia e pós-modernismo: novas formulações para velhos conceitos”, parece traduzir bem essa mudança:

Processo em vez de produto, se tornando em vez de ser, dinâmico em vez de estático, contexto em vez de texto, refletindo tempo e lugar em vez de absolutos universais: são estas agora as palavras de ordem pós-modernas para analisar e entender ciência, sociedade, organizações e atividades empresariais, entre outros. Elas deveriam também se tornar as palavras de ordem para a Arquivologia no século, e assim, o fundamento de um novo paradigma conceitual da profissão.

É necessário mencionar que um período não se sobrepõe ao outro, isto é, não há solução de continuidade, ao contrário, as diversas abordagens, modelos ou teorias são complementares e percorrem caminhos teóricos e práticos próprios, subsidiando as atividades desenvolvidas nos arquivos. Apresenta-se, no Quadro 3, uma síntese com a indicação de autores e algumas de suas ideias destacadas, de modo a contribuir para a compreensão de algumas das características da Arquivologia Pós-

Moderna. Diferentemente do que ocorre com os marcos da Arquivologia moderna (Quadro 2), neste caso destacam-se os autores pelo conjunto de suas obras e por suas contribuições, sem apontar obras específicas.

Quadro 3 - Marcos da Arquivologia Funcional ou Pós-Moderna

Arquivologia Funcional ou Arquivologia Pós-Moderna (Terry Cook)	Mudança do produto para o processo; da estrutura para a função; do arquivamento, do documento para o seu contexto. A informação digital é dinâmica, não linear e é registrada em suportes acessíveis por meio do uso de equipamentos O documento pode ser acessado simultaneamente por mais de um usuário.
Arquivologia Funcional ou Arquivologia Pós-Moderna (Theo Thomassen)	Defende a ideia de que a Arquivologia passa por um novo desafio que vai além das questões do suporte analógico, pois a Arquivologia passa por desafios que envolvem as dimensões lógicas e dinâmicas dos documentos.
Arquivologia Funcional ou Arquivologia Pós-Moderna (Luciana Duranti)	A autora trabalha com a releitura da Diplomática com aplicações nos documentos contemporâneos, sejam analógicos ou digitais.
Arquivologia Pós-Moderna (Carol Couture; Jean Yves Rousseau)	Responsáveis pela Arquivologia Integrada, que defende que se deve oferecer tratamento informacional adequado aos documentos desde a sua produção, de modo a contribuir com o processo de gestão documental.
Arquivologia Funcional ou Arquivologia Pós-Moderna (Frank Upward)	Criador do modelo de gestão Records Continuum, desenvolvido em meados da década de 1990, com origem na Austrália. Nasce, em um primeiro momento, para tratar dos documentos digitais e contrapõe-se à teoria das três idades.

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Jardim (2015, p. 35) sintetiza algumas das características que diferenciam a Arquivologia Pós-Moderna das abordagens que a precederam:

[o]s novos modos de produção, uso e conservação de documentos arquivísticos, associados a várias reconfigurações na gestão das organizações públicas e privadas, confrontou a arquivologia com suas teorias, métodos e até mesmo com a formação e perfil do arquivista.

Na Austrália, um país cuja independência ocorreu de forma tardia e gradual quando comparada à de outros países, observa-se um cenário ligeiramente diferente para o desenvolvimento da área. Nesse caso, a produção de documentos mais recentes, com menos tradição em arquivos permanentes, gerou a demanda por alternativas no que tange ao tratamento dos documentos arquivísticos locais.

Nesse contexto, surge o RC como forma de gestão e tratamento dos documentos das instituições australianas. Ainda que não exista consenso sobre a natureza do RC, isto é, se é uma teoria, um modelo de gestão ou um modelo conceitual, sua aplicabilidade ocorre naturalmente na Austrália, tanto em relação aos documentos analógicos quanto aos digitais.

3 O tratamento informacional nos documentos de arquivo: o fazer arquivístico

O tratamento informacional aplicado aos documentos de arquivo subsidia-se nas atividades e processos realizados para gerir as informações contidas nos documentos ao longo de seu ciclo de vida. Essas atividades visam a garantir a organização, preservação, acesso e uso adequado dos documentos arquivísticos.

Tendo em vista a necessidade de cooperar com a gestão eficiente e com a preservação dos documentos de arquivo, o Manual dos Arquivistas Holandeses é, nesse aspecto, uma das bases que favoreceram a solidez da Arquivologia, principalmente em relação à sua cientificidade. Esse importante Manual, que apresenta propostas para a organização dos documentos, está disposto em seis capítulos, divididos em cem regras, que visam a apoiar a organização e a descrição dos documentos de arquivo.

O Manual dos Arquivistas Holandeses é considerado um divisor de águas na Arquivologia, pois permitiu que a área se tornasse uma ciência autônoma. Caracteriza-se, por esse motivo, como o marco inicial da Arquivologia Moderna (Fonseca, 2005). Parece haver algum consenso de que o ano de 1898, quando foi publicada a obra, é considerado o marco de “nascimento” da Arquivística (Tognoli, 2010; Fonseca, 2005).

Cabe ressaltar que, anteriormente ao Manual, o trabalho desenvolvido nos arquivos não seguia um método específico, sendo realizado de maneira temática. Essa abordagem descaracteriza a identidade vinculante mais importante da documentação: a que conecta o documento ao seu respectivo produtor, o que resultava, frequentemente, em uma situação irreversível no que se refere à organização física do acervo. Essa problemática, contudo, foi contornada por representações da ordem original dos fundos, produzidas pelo processo de descrição arquivística, conforme explanam Leão (2006) e Andrade e Silva (2008), entre outros.

A notoriedade do Manual dos Arquivistas Holandeses é destacada, ainda, por Schimidt (2015, p. 173), por ter sido capaz de “elear práticas e técnicas arquivísticas ao status de ciência, já que se apresentava como o resultado de conhecimentos aplicados com vistas a desenvolver problemas/fenômenos de ordem prática”.

O Manual foi (e ainda é) amplamente utilizado pela Arquivologia, na prática do exercício profissional. A sua visibilidade pode ser constatada a partir das várias

traduções para diferentes idiomas, tais como o francês (1910), o alemão (1905), o inglês, o italiano (1908), o português (1960) e o chinês, entre outros (Bruebach, 2005; Fonseca, 2005).

O Manual dos Arquivistas Holandeses foi fundamental ao fortalecer e sistematizar a Teoria das Três Idades, pois, a partir dele, observa-se uma abordagem mais técnica e estruturada em relação ao fazer arquivístico.

Embora seja da natureza das instituições a intenção de crescimento, é bastante comum que não se manifestem preocupações mais sérias em relação ao espaço onde os documentos serão armazenados. Talvez seja esse o motivo pelo qual é relativamente normalizado, no senso comum, o uso da expressão “arquivo morto” para se referir a um conjunto de “documentos” sem qualquer ordenação e com poucas possibilidades de recuperação da informação. Tal expressão pode ser compreendida, portanto, a partir da carência do tratamento informacional adequado, seja para documentos físicos, seja para os digitais.

A necessidade de oferecer tratamento adequado aos documentos de arquivo faz surgir a Teoria das Três Idades, a qual subsidia a gestão dos documentos de arquivo. Essa concepção permite que os documentos de arquivo sejam divididos em fases conforme a sua frequência de uso, isto é: arquivo corrente, intermediário e permanente. A passagem dos arquivos de correntes para intermediários é chamada de transferência, enquanto a passagem dos documentos do arquivo intermediário para o permanente é denominada recolhimento.

A partir da Teoria das Três Idades, a Arquivologia estabelece as condições necessárias para gerir o ciclo de vida dos documentos de arquivo, possibilitando a otimização do espaço físico, a redução de custos com o armazenamento e a facilitação do processo de recuperação da informação, entre outros benefícios.

Na Teoria das Três Idades, os documentos percorrem um caminho linear dentro das instituições, de acordo com prazos de guarda estabelecidos e representados na Tabela de Temporalidade Documental, tendo como base a fundamentação legal vigente.

Contudo, a partir do progressivo abandono da produção dos documentos exclusivamente em suporte analógico, alguns autores, como Upward (1996), começam a rediscutir a adequação e a efetividade das tradicionais formas de tratamento dos documentos quando aplicadas aos documentos digitais.

Dessa forma, em virtude dos novos olhares relativos aos documentos digitais, na Austrália, o RC apresenta-se como alternativa para o tratamento dos documentos.

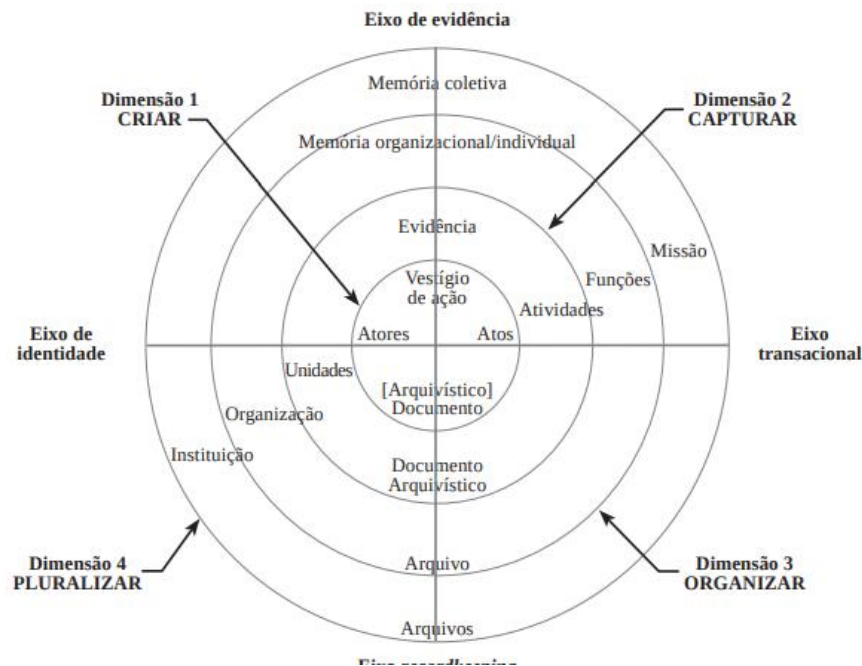
O RC foi desenvolvido na Monash University, em Melbourne, Austrália, durante a década de 1990, tendo Frank Upward como principal formulador do modelo, com contribuições de pesquisadores como Sue McKemmish e Reed (Upward; McKemmish; Reed, 2011). A primeira formulação sistematizada do modelo foi apresentada por Upward, em 1996, no artigo *Structuring the Records Continuum: Part One: Post-Custodial Principles and Properties*. Posteriormente, o pensamento a respeito do *continuum* foi ampliado por pesquisadores vinculados à mesma Universidade, pertencentes ao *Records Continuum Research Group* (RCRG) cujas pesquisas se relacionam à gestão de documentos, arquivos e informação.

Pela perspectiva do modelo RC, é possível e desejável integrar todas as idades dos documentos: a corrente, a intermediária (conhecidas como fases administrativas) e a permanente. A diferença entre a Teoria das Três Idades e o RC pode ser evidenciada a partir de suas características, conforme discute Frings-Hessami (2020, p. 150, tradução livre):

As características fundamentais do RC, que o distinguem de outros modelos, são as suas quatro dimensões. As quatro dimensões não são fases ou etapas e não se sucedem numa ordem específica, ao contrário das etapas do ciclo de vida ou das três idades dos arquivos. Elas coexistem porque os arquivos são impactados pelas ações de diferentes atores e porque podem ser percebidos de diferentes maneiras por diferentes usuários.

O RC é desenvolvido por eixos e dimensões, conforme Costa Filho (2017), que adapta a Figura de Frank Upward (1996) (Figura 1).

Figura 1 – Eixos e dimensões do RC



Fonte: Costa Filho; Sousa (2018, p.48) adaptado de Upward (1996).

As dimensões evidenciadas no RC são definidas por Silva e Santos (2019, p.145):

1. criar: documentos são reflexos de um ato do qual formam parte;
2. capturar: documentos possuem valor probatório, vinculados às transações, comunicações, atos ou decisões que documentam, em seu contexto social;
3. organizar: documentos são organizados sob técnicas arquivísticas;
4. pluralizar: documentos como memória (quando não houver restrição pré-determinada) devem ser acessíveis.

Assim, relativamente a cada eixo, pode-se relacionar as seguintes atividades e princípios relativos ao tratamento do documento de arquivo: a) eixo criação: marca o nascimento dos documentos, ou seja, a sua produção (analógica e/ou digital); b) eixo captação: refere-se à entrada dos documentos de arquivo, que foram produzidos no eixo criação, nos sistemas arquivísticos, considerando a sua proveniência e contexto de produção; c) eixo organização: os documentos de arquivo são essenciais, pois são produzidos e recebidos segundo as funções, atividades e competências de cada organização, sendo fundamentais para as rotinas administrativas e tomadas de decisão, por isso devem estar devidamente classificados e estruturados de forma que possam ser recuperados com assertividade; d) eixo pluralização: documentos de arquivo são importantes fontes para a história e para a memória; devem estar

acessíveis aos usuários.

É importante reafirmar que o RC não torna ilegítima a Teoria das Três Idades, ocorre que ambas as teorias apresentam interpretações distintas em relação ao tratamento informacional. Enquanto a Teoria das Três Idades classifica os documentos em períodos, segundo a sua frequência de uso, para o RC a perspectiva de trabalho é que os documentos não possuem essa linearidade.

Para o RC, um documento pode ser produzido e classificado como permanente. Da mesma forma, um documento permanente pode voltar ao período administrativo, numa abordagem dinâmica, flexível, contínua e adaptável à gestão documental. Esse fluxo certamente traz algum tipo de impacto, principalmente em relação à maneira de recuperação e compartilhamento da informação. Afinal, conforme destacam Cruz Mundet (2011) e Jardim (2015) o conceito de *continuum* constitui um novo paradigma no campo arquivístico. Nessa abordagem, questiona-se a ideia de fases distintas dos documentos, reinventa-se a gestão de documentos, propõe-se a gestão como um processo contínuo e configura-se um território unificado em oposição à visão dicotômica anglo-saxônica entre Arquivologia e gestão de documentos.

4 Instrumentos para a organização, recuperação e acesso aos documentos de arquivo: o RC

Considerando-se que os arquivos são os responsáveis pela custódia de documentos que podem ser utilizados para diversas finalidades, entende-se que tais espaços são detentores de uma grande variedade de informação e que são dispositivos que cooperam com a produção e a circulação do conhecimento. Tendo em vista esse pressuposto, salienta-se a necessidade de refletir sobre como a Arquivologia pode atuar com vistas à promoção de um acesso mais assertivo aos documentos de arquivo por meio de sua práxis.

Nesta pesquisa, argumenta-se, portanto, sobre os processos de organização, representação e recuperação dos documentos de arquivo a partir de uma nova perspectiva advinda com o RC. Por essa razão, discute-se nesta seção como o RC pode beneficiar a Arquivologia em seus aspectos teóricos e metodológicos.

Inicialmente, julga-se pertinente ilustrar a forma de apresentação do RC. Frings- Hessami (2020) menciona que a estrutura que melhor o representaria teria a

forma de um cone ou de uma esfera, mas isso traria complicações para a sua explicação didática; por isso, o modelo do RC tem a sua construção baseada em círculos interconectados que simbolizam a natureza contínua e dinâmica do modelo desenvolvido por Upward (1996).

Tomando como exemplo o registro de uma fotografia de casamento, Frings-Hessami (2020) desenvolve um construto para demonstrar a aplicação do RC na ambiência dos arquivos, considerando-se as diferentes perspectivas e os interesses dos diferentes sujeitos envolvidos com o registro em questão.

O ponto comum entre todos os sujeitos em relação à fotografia é o eixo da criação. Após esse primeiro momento, contudo, cada indivíduo fará uso da mesma imagem a partir de seus próprios contextos e interesses. Essa fotografia assume um caráter representativo e também emocional conforme a experiência de cada sujeito, podendo seguir quatro trajetórias distintas, conforme representa o Quadro 4.

Quadro 4 - Perspectivas sobre um mesmo documento fotográfico

Sujeito	Perspectiva
Os noivos	Inserem a foto junto ao álbum de fotografia do casamento. Para cada foto, indicam os nomes das pessoas presentes e, às vezes, acrescentam alguns comentários. Nos primeiros meses após o casamento, o álbum é mantido em uma mesinha de estar, sendo folheado com certa frequência. Depois de alguns meses, o álbum encontrou seu lugar definitivo em uma estante ao lado de seus outros álbuns de fotos.
Os pais da noiva	Colocam em um de seus álbuns de foto junto com outras fotos de casamento e outras fotos da filha. Indicam a data do casamento, mas não o nome dos presentes. Mantêm o álbum com outros álbuns que contêm fotos da família.
A amiga da noiva	Insere as fotos em um álbum de lembranças que contém fotos de seus amigos de escola. Indica o local, data e os nomes das pessoas que conhece e decora a página com pequenos desenhos. Mantém esse álbum em uma prateleira em seu quarto.
Primo do noivo	Mora na Austrália; guarda a fotografia no envelope em que a recebeu. Embora tenha ficado feliz em recebê-la, não perde tempo colocando-a em um álbum de fotos e não anota a data, o local ou o nome das pessoas envolvidas na foto; guarda esse envelope em uma caixa com as cartas enviadas por sua família.

Fonte: Adaptado pelos autores (2026) a partir de Frings-Hessami (2020).

A partir da situação ilustrada no Quadro 4, observa-se que, após a criação (produção) da fotografia e do seu recebimento, cada sujeito desempenhou ações distintas em relação à sua organização e ao seu arquivamento. Não houve uma forma padronizada para arquivar a fotografia, pois cada sujeito o fez conforme as suas

próprias experiências, a partir da sua maneira de interpretação e de representação daquela imagem.

Aplicando o modelo do RC ao exemplo acima, é possível observar que os eixos de criação e de captação se referem ao momento em que o fotógrafo faz o registro das imagens do casamento e o eixo de organização pode ser compreendido a partir dos critérios de organização utilizados por cada sujeito. Sobre a ausência do último eixo, isto é, da pluralização, Frings-Hessami (2020) destaca que esse eixo só é alcançado quando um dos sujeitos opta por fazer a publicação da fotografia em sua rede social; nesse caso, essa função ficaria, possivelmente, a critério da noiva.

É apenas a partir da publicação da fotografia que outras pessoas terão a oportunidade de ter acesso àquela imagem, ou seja, os familiares e os amigos que não estiveram presentes no casamento, as novas amigas do casal que foram formadas após o casamento, os novos colegas de trabalho etc. Dessa forma, o ato de publicar a fotografia, além de ampliar o seu acesso, retorna ao primeiro eixo, o da criação, pois, a partir desse momento, a fotografia assumirá trajetórias distintas ao ser acessada novamente por diferentes sujeitos e perspectivas.

Além dos sujeitos mencionados no Quadro 4, outras pessoas presentes na cerimônia podem utilizar a fotografia do casamento com finalidades que vão além daquelas relacionadas ao aspecto emocional da celebração. Nesse caso, tem-se como exemplo o fotógrafo contratado para registrar a cerimônia, para quem a fotografia assume outra dimensão, isto é, pode ser utilizada para demonstrar os trabalhos realizados para futuros clientes (tendo em vista a perspectiva de divulgação do seu próprio trabalho) ou para análise da técnica fotográfica utilizada naquela ocasião, entre outras finalidades.

O exemplo dos usos diversificados de um mesmo objeto, neste caso, a fotografia do casamento, ilustra, nesse cenário, o ciclo *continuum* dos documentos de arquivo. O conceito de *continuum* reflete a ideia de que a gestão dos documentos de arquivo não deve ser compreendida em etapas isoladas, mas sim como um processo, pautado por uma abordagem integrada e contínua.

Sobre essa nova perspectiva, Frings-Hessami (2020, p. 149, tradução livre), observa que:

[a]s quatro dimensões não são fases ou etapas e não se sucedem em uma ordem específica, ao contrário das etapas do ciclo de vida ou das três idades dos arquivos. Elas coexistem porque os arquivos são

impactados pelas ações de diferentes atores e porque podem ser percebidos de diferentes maneiras por diferentes usuários.

É por essa razão que Upward (1996), por meio do RC, apresenta críticas à teoria das três idades, pois, para o autor, os documentos não seguem um ciclo previamente estabelecido e perfeitamente delineado; ao contrário, os documentos assumem trajetórias e/ou caminhos a partir de seus usos, contextos e experiências individuais de cada sujeito.

Sendo assim, o exemplo de Frings-Hessami (2020) é bastante oportuno para discutir as diferenças entre o RC e a Teoria das Três Idades, afinal,

Atualmente é comum tirar fotos e carregá-las imediatamente nas redes sociais. Nestes casos, as fotografias podem passar da primeira para a quarta dimensão em um nanossegundo. Todas as quatro dimensões podem ser acessadas virtualmente, simultaneamente ou a segunda e a terceira dimensões podem ser ignoradas. As fotografias podem ser tornadas públicas sem terem sido devidamente captadas num sistema, ou seja, sem que lhes tenham sido adicionados metadados (automática ou manualmente) e sem que lhes tenham sido aplicados um sistema de classificação (Frings-Hessami, 2020, p. 150, tradução livre).

Quando se toma o mesmo exemplo da fotografia de casamento e se aplica a Teoria das Três Idades, observa-se que o seu tratamento estaria condicionado à frequência do seu uso, o que afetaria diretamente a sua forma de armazenamento, pois seria a sua frequência de uso que iria determinar o local e as condições de seu acesso. Ou seja, segundo a Teoria das Três Idades, a fotografia estaria no arquivo corrente, com vistas a facilitar sua recuperação e acesso. Voltando ao exemplo utilizado, a fotografia poderia estar arquivada em um álbum de fotos, localizado próximo à sala de visitas dos envolvidos.

Com a passagem do tempo, a fotografia terá sido vista por inúmeras pessoas (amigos, familiares e outros); por isso, seu uso poderá não ser mais tão frequente. Dessa forma, a fotografia passa para o segundo período, considerado na Teoria das Três Idades como arquivo intermediário. Nesse caso, em algumas raras ocasiões, a fotografia é apresentada a pessoas que, por algum motivo, passaram a frequentar a casa da família anos após o casamento.

Nota-se, portanto, que o registro do casamento, representado nas fotografias, deixa de ser frequentemente consultado. Por isso, em algumas ocasiões, o álbum fotográfico é juntado a registros de outras festividades, tais como aniversários, viagens, batizados, entre outros.

As fotografias são elementos comuns nos arquivos pessoais, assim como nas memórias institucionais, pois perpetuam fatos marcantes. Isso denota a relevância de sua preservação; mesmo que o seu uso não seja mais frequente em algum momento, é fundamental que elas estejam armazenadas adequadamente para garantir o seu acesso ao longo dos anos. Nesse caso, tais registros serão recolhidos aos arquivos permanentes.

É ao ciclo linear que Upward (1996) se contrapõe. A nova maneira de entender como os documentos são acessados e utilizados permitiu ao autor desenvolver reflexões que abarcam novas possibilidades de tratamento para os documentos de arquivo, considerando sempre os princípios da área.

A partir do exemplo de Frings-Hessami (2020), nota-se a aplicabilidade do RC em documentos em suporte analógico, o que evidencia que o RC não foi elaborado visando à sua aplicabilidade apenas aos documentos digitais. Observa-se que é apenas no eixo da pluralização que a autora evidencia que a fotografia foi postada em uma rede social. Anteriormente a esse momento entende-se que a fotografia estava assentada no suporte analógico e, ainda assim, assumiu diferentes trajetórias em função de cada sujeito.

Embora o RC seja orientado por pontos de vista diferentes dos que fundamentam a Teoria das Três Idades em relação a como realizar a gestão dos documentos de arquivo, ambos são estruturados a partir de alguns elementos em comum, ou seja, respeitam os princípios arquivísticos, visam à integridade e aplicam-se ao tratamento dos documentos de arquivo independentemente de sua natureza analógica ou digital. Observa-se, também, que tanto o RC quanto a Teoria das Três Idades são estruturados de forma que seja considerado o contexto de produção dos documentos de arquivo; afinal, sempre é oportuno lembrar que, para a Arquivologia, cada documento é único na ambiência em que foi produzido.

5 Considerações finais

A Arquivologia, ao longo de sua evolução, passou por diferentes fases que refletem mudanças significativas em suas teorias, métodos e práticas. A esses períodos históricos, convencionou-se denominar períodos clássico, moderno e pós-moderno.

Essas fases não são estritamente lineares e/ou concorrentes entre si; não há sobreposição, mas sim diálogo e continuidade entre elas. No entanto, cada uma representa um estágio distinto no desenvolvimento da teoria e da prática arquivística ao longo dos últimos séculos.

A demanda pela organização efetiva dos documentos de arquivo colaborou para o desenvolvimento de manuais que fornecessem subsídios para o fazer arquivístico. Dessa forma, o *Manual dos Arquivistas Holandeses* possibilitou não somente a consolidação da tradição arquivística, como também foi fundamental para a aplicação de técnicas e métodos específicos da Arquivologia.

Contudo, mesmo com o grande alcance e aceitação do *Manual dos Arquivistas Holandeses* pela comunidade arquivística, um cenário diferente ganha destaque inicialmente na Austrália, onde a abordagem do RC tem sido aplicada de maneira inovadora em relação à gestão dos documentos. Schmidt (2015) menciona que, pelo fato de a Austrália ser um país novo, devido à sua independência tardia, suas estruturas administrativas mudaram muito. Diante desse cenário e da necessidade de tratar os documentos australianos, Upward (1996) desenvolve o modelo do RC, por meio de uma abordagem mais moderna, dinâmica e flexível.

A diferença na adoção e na aplicabilidade entre a Teoria das Três Idades e o RC pode, de fato, ser atribuída à visibilidade e à influência dos respectivos manuais e práticas arquivísticas. A Teoria das Três Idades, sustentada por manuais amplamente reconhecidos e adotados, pode ser mais facilmente aplicada em contextos em que uma abordagem estruturada é preferida. Em contraste, o RC, com sua abordagem contínua e dinâmica, pode ser mais relevante em contextos que demandam uma gestão mais integrada e moderna dos documentos. A escolha entre os dois modelos frequentemente dependerá das necessidades específicas da instituição e das práticas arquivísticas adotadas.

Somado a isso, acredita-se que o contexto histórico e os desafios enfrentados pelos arquivos durante o desenvolvimento do *Manual dos Arquivistas Holandeses*, tais como o acúmulo desordenado e a necessidade de estrutura física para o armazenamento adequado dos documentos de arquivo, foram cruciais para sua ampla aceitação e adoção.

De modo a evidenciar e comparar algumas das especificidades da Teoria das Três Idades e do RC, desenvolveu-se uma síntese comparativa no Quadro 5.

Quadro 5 - Comparações entre o modelo do RC e a Teoria das Três Idades

Teoria das Três Idades	Records Continuum
Oferece uma solução prática para o acúmulo dos documentos analógicos nas instituições.	Foi desenvolvido para responder a novos desafios, especialmente na era digital. A abordagem contínua e integrada do RC reflete a complexidade crescente da gestão de informações modernas.
Ao dividir os documentos em três categorias (corrente, intermediária e permanente), a teoria das três idades fornece uma estrutura que colabora para a gestão do ciclo de vida dos documentos de maneira ordenada e sistemática.	Para o RC, os documentos não têm um ciclo de vida previamente estabelecido, antes a relação entre os documentos é contínua e se interconectam entre si. O RC defende que a gestão dos documentos de arquivo ocorre de maneira não linear e não sistematizada.
As instituições precisavam urgentemente de um sistema que ajudasse a lidar com o volume crescente de documentos de forma eficiente e organizada.	O RC busca oferecer novas possibilidades para a gestão de documentos, através de um ciclo contínuo e integrado.
Mantém a proveniência dos documentos e seu valor ao longo do tempo, mas de maneira segmentada.	ORC oferece uma abordagem mais adaptada às necessidades contemporâneas. A aceitação do RC pode depender de uma mudança gradual nas práticas e na percepção dos desafios da gestão documental, impactadas principalmente devido às tecnologias digitais.
O modelo se mostrou eficaz para muitas instituições que precisavam de um método prático para lidar com grandes volumes de documentos analógicos. Ele possibilitou uma gestão mais eficiente dos arquivos e ajudou a resolver problemas imediatos de organização e controle documental.	O RC é mais bem aceito em instituições que possuem maior volume de documentos voltados para o digital.
Ao fornecer uma abordagem estruturada para a gestão dos documentos, a Teoria das Três Idades simplificou a tarefa dos arquivistas e permitiu uma melhor organização dos arquivos.	Requer uma mudança significativa na forma como a gestão de documentos é percebida e aplicada.
O sucesso da Teoria das Três Idades é facilmente visualizado a partir da sua aceitação pela área.	O RC foca na integração dos processos e na manutenção do contexto e da proveniência dos documentos ao longo de sua vida.
O tratamento oferecido aos documentos de arquivo é linear; os documentos transitam de uma fase para outra conforme sua frequência de uso.	O RC adota uma abordagem dinâmica, em que todos os aspectos da gestão documental estão interconectados e são considerados ao longo de todo o ciclo de vida.
Os documentos são classificados em categorias distintas e a retenção é baseada na fase em que o documento se encontra.	O RC promove a integração dos processos de gestão, preservação e acesso, sem uma divisão rígida entre fases.
Tradicionalmente aplicada em contextos nos quais as práticas arquivísticas são bem estabelecidas e a gestão documental segue um fluxo linear.	Desenvolvido para lidar com a complexidade da gestão de documentos na era digital, refletindo a necessidade de uma abordagem mais dinâmica e integrada.

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Pode-se afirmar que a Teoria das Três Idades e o RC oferecem subsídios

adequados ao tratamento efetivo de documentos de arquivo. Enquanto a primeira colabora com a organização e a economia de espaço físico, além de oferecer subsídios para o atendimento às conformidades legais, o RC, por sua vez, permite a integração dos processos, em uma perspectiva holística que respeita a dinamicidade das adaptações às mudanças no fluxo da documentação arquivística.

Ou seja, tanto a Teoria das Três Idades quanto o RC oferecem um arcabouço teórico-metodológico sólido para a gestão dos documentos. Contudo, é preciso ressaltar que existe uma aplicação maior da Teoria das Três Idades comparativamente ao RC. Acredita-se que essa diferença de favorecimento seja atribuída, em grande parte, às necessidades urgentes e aos desafios prementes enfrentados pelas instituições de arquivos. Dessa forma, acredita-se que o desenvolvimento de manuais, tais como o *Manual dos Arquivistas Holandeses*, além, é claro, da tradição, tem colaborado para a maior aplicação da Teoria das Três Idades em relação ao RC. A Teoria das Três Idades, vale lembrar, foi desenvolvida em um momento crucial para as instituições, quando ainda não havia soluções efetivas para o problema da gestão de documentos de arquivo.

À medida que a Arquivologia continuou a evoluir e os desafios se tornaram mais complexos, abordagens como o RC começaram a ser desenvolvidas, refletindo a necessidade de uma gestão mais integrada e contínua. Ambas as abordagens possuem seus respectivos valores e campos de aplicação, sempre dependentes do contexto, das características e das necessidades específicas de cada instituição.

Referências

ALENCAR, M. F.; CERVANTES, B. M. N. A semântica na organização do conhecimento arquivístico: o caso dos tesouros funcionais. *In*: BARROS, T. H. B.; TOGNOLI, N. B. **Organização do conhecimento responsável**: promovendo sociedades democráticas e inclusivas. Belém: Ed. Da UFPA, 2019. v. 6. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/200575/001102758.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2026.

ANDRADE, R. S.; SILVA, R. R. G. Aspectos teóricos e históricos da descrição arquivística e uma nova geração de instrumentos arquivísticos de referência. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 2, n. 3, p. 14-29, 2008.

ARQUIVO NACIONAL (BRASIL). **Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística**. Rio de Janeiro, Arquivo Nacional, 2005.

BRENNEKE, A. **Archivkunde**: bearb. nach Vorlesungsnachschriften und Nachlaßpapieren und erg. von Wolfgang Lersch. Leipzig: Koehler & Amelang, 1953.

BROOKS, P. C. **What records shall we preserve?** Washington: National Archives and Records Service, 1975.

BRUEBACH, N. Archival Science in Germany. **Archival Science**, London, v. 3, n. 4, p. 379-399, 2005.

CASANOVA, E. **Archivistica**. Siena: Stab Arti Grafiche Lazzeri, 1928.

COOK, T. Arquivologia e pós-modernismo: novas formulações para velhos conceitos. **Informação Arquivística**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 123–148, 2012.

COSTA FILHO, C. M. A. O ciclo vital ante o documento digital: o modelo records continuum como recurso de elucidação. **Revista Acervo**, Brasília, v. 29, n. 2, 2016. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/44288>. Acesso: 18 jul. 2026.

COSTA FILHO, C. M. A. O sistema de séries como base intelectual da descrição arquivística contemporânea. In: CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA, 8., 2018, João Pessoa. **Anais eletrônicos** [...]. João Pessoa: AAB, 2018. Disponível em: https://arquivologiauepb.com.br/racin/edicoes/v6_nesp/racin_v6_nesp_TA_GT01_0037-0051.pdf. Acesso em: 18 jul. 2026.

COSTA FILHO, C. M. A.; SOUSA, R. T. B. Compreendendo o records continuum: contextualização, objetivos e reflexões. **Informação Arquivística**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, 2018. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/90931>. Acesso em: 18 jul. 2026.

COSTA FILHO, C. M. A.; SOUSA, R. Ciclo vital dos documentos e records continuum: discussões teóricas e práticas. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, n. 19., 2018. **Anais** [...]. XIX Encontro Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Ciência da Informação, 2018.

COSTA, A O; RONCAGLIO, C. O diálogo entre as vertentes clássica, moderna e contemporânea da Arquivologia. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 26, n. 2, p. 355–386, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/90306>. Acesso em: 14 jun. 2025.

COUTURE, C.; ROUSSEAU, J-Y. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1998.

CRUZ MUNDET, J. R. **Administración de documentos y archivos**: textos fundamentales. Madrid: Coordinadora de Asociaciones de Archiveros, 2011.

DURANTI, L. **Diplomática**: usos nuevos para una antigua ciência. Trad. Manuel Vázquez. Córdoba: Asociación de Archiveros de Andalucía, 1995.

FONSECA, M. O. **Arquivologia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

FRANCO, S.C. A noção de ramificação: uma contribuição para a arquivologia. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 14., 2013, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: Enancib, 2013. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/v/183958>. Acesso em: 19 jul. 2026.

FRINGS-HESSAMI, V. The societal embeddedness of records: teaching the meaning of the fourth dimension of the records continuum model in different cultural contexts. **Archival Science**, Berlin, v. 21, p. 139–154, 2020. Disponível em: <https://link.springer.com/content/pdf/10.1007/s10502-020-09349-6.pdf>. Acesso em: 14 jun. 2025.

GRICOLETO, M. C. O espaço-tempo da bibliografia e o documento: reflexões sobre epistemes e mediações. *Informação e Informação*, Londrina, v. 23, n. 2, p. 78-97, maio/ago. 2018a. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/34499/24176>. Acesso em: 15 jan. 2025.

GRICOLETO, M. C.; ALDABALDE, T. V.; OLIVEIRA, E. S. Discutindo a polissemia do termo arquivo na imprensa: um estudo a partir da teoria records continuum. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, n. 18., 2018, Marília. **Anais [...]**. Marília: Enancib, 2017.

GRICOLETO, M.C. Revisitando a noção de sujeito informacional: reflexões sobre delimitações e perspectivas de ampliação no âmbito da Ciência da Informação. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, n. 18., 2018b, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: Enancib, 2017. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XIX_ENANCIB/xixenancib/schedConf/presentations. Acesso em: 1 fev.2025

JARDIM, J. M. Caminhos e perspectivas da gestão de documentos em cenários de transformações. *Acervo*, Brasília. v. 28, n. 2, 2015. DOI: <https://doi.org/10.64729/an.acervo.v28i2.607>. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/607>. Acesso em: 19 jul. 2026.

JENKINSON, H. **A manual of archive administration**. Oxford: The Clarendon Press, 1922. Disponível em: <https://archive.org/details/manualofarchivea00jenkuoft/manualofarchivea00jenkuoft/page/n5/mode/2up>. Acesso em: 14 jun. 2025.

LEÃO, F. C. **A representação da informação arquivística permanente: a normalização descritiva e a ISAD(G)**. 2006. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MATTOS, R.; PIMENTA, J. F. S. Abordagem contextual na organização dos arquivos pessoais: a experiência da Fundação Fernando Henrique Cardoso. *In: BARROS, Thiago Henrique Bragato; TOGNOLI, Natalia Bolfarini (org.). Organização do conhecimento responsável: promovendo sociedades democráticas e inclusivas*. 5. ed. Belém: EDUFPA, 2019. p. 271-277. (Estudos Avançados em Organização do

Conhecimento, v. 5). Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/125267>. Acesso em: 19 jul. 2026.

MULLER, S.; FEITH, J. A; FRUIN, R. T. **Manual de arranjo e descrição de arquivos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Associação dos Arquivistas Holandeses, 1973. Disponível em: <http://arquivistica.fci.unb.br/titulo-da-obra/manual-de-arranjo-e-descricao-de-arquivos-2/>. Acesso em: 14 jun. 2025.

NASCIMENTO, N. M.; MORO-CABERO, M. M; VALENTIM, M. L. P. Perspectiva brasileira do Modelo Records Continuum. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 18., 2017, Marília. **Anais Eletrônicos**[...]. Marília: Enancib, 2017. Disponível em: http://enancib.marilia.unesp.br/index.php/XVIII_ENANCIB/ENANCIB/paper/view/74. Acesso em: 3 fev.2025

POSNER, E. **Archives in the Ancient World**. Cambridge: Harvard University Press, 1972.

RAMOS, J. A. A. **As possibilidades de aproximação e diálogo entre Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia via modelo formativo: o caso da ECI-UFMG**. 2013. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-9JLJQ7/1/tese_atual.pdf. Acesso em: 10 fev. 2025.

REED, B. Just doing the same won't work: lets make the digital recordkeeping compelling! **Acervo**, Brasília, v. 28, n. 2, p. 93–109, 2015. DOI: 10.64729/an.acervo.v28i2.611. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/611>. Acesso em: 1 mar. 2025.

SANTOS, C, M.; SMIT, J. W. De marcos teóricos fundamentais à abordagens contemporâneas da arquivística: algumas considerações. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais** [...]. Belo Horizonte: Benancib, 2014. Disponível em: <https://brapci.inf.br/v/186882>. Acesso em: 19 jul. 2026.

SHELLENBERG, T. R. **Arquivos modernos: princípios e técnicas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

SCHMIDT, C. M. S. **A construção do objeto científico na trajetória histórico-epistemológica da Arquivologia**. São Paulo: ARQ-SP, 2015.

SCOTT, P. J. The record group concept: a case for abandonment. **The American Archivist**, Chicago, v. 29, n. 4, p. 492-504, 1966.

SILVA, J. T. Normas ISO para a gestão de documentos: uma introdução. **Archevion**, João Pessoa, v. 4, n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/archevion/article/view/32299>. Acesso em: 19 jul. 2026.

SILVA, J. T; SANTOS, J. A dos. A arquivística brasileira e o modelo australiano do records continuum. **Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação e Biblioteconomia**, João Pessoa, v. 14, n. 2, p. 142-148, 2019. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/115173>. Acesso em: 19 jul. 2026.

THOMASSEN, T. The development of Archival Science and its european dimension. *In*: SEMINAR FOR ANNA CHRISTINA ULFSPARRE, 1999, Estocolmo. **Annals [...]** Swedish National Archives, fev. 1999. Disponível em: < <http://z-a-d.net/the-development-of-archival-science-and-its-european-dimension/>> Acesso em: 12 ago. 2026.

TOGNOLI, N. B. **A contribuição epistemológica canadense para a construção da arquivística contemporânea**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

TOGNOLI, N. B. Desafios da representação na arquivística contemporânea. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 13., 2012, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Enancib, 2012.

TROITIÑO, S. O receber e o organizar: interfaces entre avaliação documental e organização arquivística. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: Enancib, 2017. Disponível em: <http://200.20.0.78/repositorios/handle/123456789/3493>. Acesso em: 10 jan. 202

UPWARD, F. Structuring the records continuum – part one: post-custodial principles and properties. **Archives and Manuscripts**, New York, v. 24, n. 2, p. 268-285, 1996. Disponível em: <https://publications.archivists.org.au/index.php/asa/article/view/8583>. Acesso em: 19 jul. 2026.

UPWARD, F.; McKEMMISH, S.; REED, B. Archivists and changing social and information spaces: a continuum approach to recordkeeping and archiving in online cultures. **Archivaria**, n. 72, p. 197–237, Fall 2011. Disponível em: <https://share.google/hkjuOB7Sqko5ZNzgM>. Acesso em: 12 ago. 2026.

VIANA, G. F. R.; MADIO, T. C. C.; FLORES, D. A arquivística pós-custodial na perspectiva do modelo records continuum aplicado à UFSM/SIE. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA, 6., 2014, Santa Maria. **Anais [...]**. Santa Maria: GED/A, 2014. Disponível em: <http://documentosarquivisticosdigitais.blogspot.com.br/2015/03/arquivologiasustentabilidade-e.html>. Acesso em: 29 fev. 2025.

VIANA, G. F. R; PAVEZI, N. O documento digital na perspectiva do recordkeeping informatics: o caso das portarias de afastamento da UFSM geradas no SIE. **Revista Analisando em Ciência da Informação**, João Pessoa, v. 4, n. especial, p. 264-284, 2016. Disponível em: https://arquivologiauepb.com.br/racin/edicoes/v4_nesp/racin_v4_nesp_artigo_0264-0284.pdf. Acesso em: 23 fev.2025.

WATANABE, E; SOUSA, R. T. B. Avaliação de modelos de descrição de processos judiciais. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO EM ORGANIZAÇÃO E

REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO, 5., 2019, Belém. **Anais [...]**. Belém: UFPA, 2019. Disponível em: <https://cip.brapci.inf.br/download/125305>. Acesso em: 10 fev.2025.

Apêndice A – Pesquisas realizadas nas Bases de Dados e Anais de Eventos

Autores	Título do Trabalho	Ano
SILVA, J. T; SANTOS, J. A.	A arquivística brasileira e o modelo australianos records continuum	2019
MATTOS, R.; PIMENTA, J. F. S	Abordagem contextual na organização dos arquivos pessoais: a experiência da Fundação Fernando Henrique Cardoso	2019
ALENCAR, M. F; CERVANTES, B. M. N.	A Semântica na Organização do Conhecimento Arquivístico: O caso dos Tesauros Funcionais	2019
WATANABE, E; SOUSA, R. T. B.	Avaliação de modelos de descrição de processos judiciais	2019
COSTA FILHO, C. M. A; SOUSA, R. T. B	Compreendendo o records continuum: contextualização, objetivos e reflexões	2017
COSTA FILHO, C.M.A; SOUSA, R. T. B	Ciclo Vital dos Documentos e Records Continuum: discussões teóricas e práticas	2018
GRICOLETO, M.C	O espaço-tempo da bibliografia e o documento: reflexões sobre epistemes e mediações	2018a
GRICOLETO, M.C	Revisitando a noção de sujeito informacional: reflexões sobre delimitações e perspectivas de ampliação no âmbito da Ciência da Informação	2018b
COSTA FILHO, C. M. A	O sistema de séries como base intelectual da descrição arquivística contemporânea	2018
NASCIMENTO, N. M.; MORO-CABERO, M. M; VALENTIM, M. L. P	Perspectiva brasileira do Modelo Records Continuum	2017
GRICOLETO, M. C; ALDABALDE, T. V; OLIVEIRA, E. S.	Discutindo a polissemia do termo “arquivo” na imprensa: um estudo a partir da teoria do records continuum	2017
TROITIÑO, S	O receber e o organizar: interfaces entre avaliação documental e organização arquivística	2017
COSTA FILHO, C. M. A	O ciclo vital ante o documento digital: o modelo records continuum como recurso de elucidação	2016
SILVA, J. T	Normas ISO para a gestão de documentos: uma introdução	2016
VIANA, G.F.R; PAVEZI, N	O documento digital na perspectiva do recordkeeping informatics: o caso das portarias de afastamento da UFSM geradas no SIE	2016
REED, B	Just doing the same won't work:lets make the digital recordkeeping compelling!	2015

SANTOS, C. M.; SMIT, J. W	De marcos teóricos fundamentais à abordagens contemporâneas da arquivística: algumas considerações	2014
VIANA, G. F. R; MADIO, T. C; FLORES, D. A.	A Arquivologia pós custodial na perspectiva do modelo records continuum aplicado à UFSM/SIE	2014
FRANCO, S. C	A noção de ramificação: uma contribuição para a arquivologia	2013
TOGNOLI, N. B	Desafios da representação na arquivística contemporânea	2012

Information processing in archival science:

perspectives for the processes of organization, representation and access to archival documents

Abstract

Objetivo: of the research is to analyze the Theory of the Three Ages and the Records Continuum in order to present the particularities of each archival treatment arising from each of the management models. **Methods:** the research is characterized as bibliographic, descriptive, and exploratory, aiming to provide a deeper understanding of the study object. The documentary corpus was developed through a bibliographic review in Brazilian databases and proceedings of events in the field: the Information Science Database (BRAPCI) and the National Meeting of Research in Information Science Database (BENANCIB), proceedings from the National Congress of Archival Science (CNA), and ISKO Brazil. The selection of these sources was based on their relevance to the field of Information Science. The works included in the analysis were selected using the following search strategies: "arquivologia," "records continuum," "teoria das três idades" "archival science," "records life cycle theory," and "records continuum," across the fields of title, abstract, keywords, and full text, with no chronological limits. **Results** As a result, the research demonstrated that the tradition established through the use of the Dutch Archivists' Manual significantly influences the use of Records Life Cycle Theory instead of the application of the Records Continuum model, which is more commonly utilized in Australian institutions. **Conclusions:** However, it was evident that there are no theoretical or methodological barriers preventing its more widespread use within the archival community.

Descriptors: archival science. records continuum. records life cycle theory.

Procesamiento de la información en la archivística: perspectivas para los procesos de organización, representación y acceso a los documentos de archivo

Resumen

Objetivo: analizar la Teoría de las Tres Edades y el Continuo de Documentos, con el fin de presentar las particularidades relacionadas con el tratamiento archivístico derivadas de cada uno de los modelos de gestión. **Metodología:** La investigación es bibliográfica, descriptiva y exploratoria, con el objetivo de profundizar en el objeto de estudio. El corpus documental se desarrolló a partir de una revisión bibliográfica en bases de datos brasileñas y actas de eventos del área: Base de Datos en Ciencias de la Información (BRAPCI), Base de Datos del Encuentro Nacional de Investigación en Ciencias de la Información (BENANCIB), actas del Congreso Nacional de Archivística (CNA) e ISKO Brasil. La selección de estas fuentes se basó en su relevancia para el área de las Ciencias de la Información. Las obras que conforman el análisis se seleccionaron mediante las siguientes estrategias de búsqueda: «archivística», «continuo documental» y «teoría de las tres edades», en los campos título, resumen, palabras clave y texto completo, sin límite cronológico. **Resultados:** La investigación demostró que la tradición establecida mediante el uso del Manual de Archivistas Holandeses influye considerablemente en el uso de la Teoría de las Tres Edades, en comparación con la aplicación del modelo del Continuo de Registros, más extendido en las instituciones australianas. **Conclusiones:** Sin embargo, se evidenció que no existen impedimentos teóricos ni metodológicos para que el uso del Continuo de Registros se generalice en la comunidad archivística.

Descriptores: archivística. continuo de registros. teoría de las tres edades.